

AGASSI

AGASSI

Autobiografia

ANDRE AGASSI

TRADUÇÃO:

Helena Londres, Rosemarie Ziegelmaier e Silvia Mourão



Copyright © 2009 by AKA Publishing, LLC

Tradução publicada mediante acordo com Alfred A. Knopf, um selo do
The Knopf Doubleday Group, uma divisão da Penguin Random House, LLC

TÍTULO ORIGINAL

Open

REVISÃO

Juliana Pitanga
André Sequeira
Ilana Goldfeld

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA

Tulio Cerquize

FOTO DE CAPA

Martin Schoeller / August Images

FOTO DE QUARTA CAPA

Andre Agassi aos 8 anos
com Björn Borg

CRÉDITOS DAS IMAGENS

p. 52: cortesia de Andre Agassi;
p. 58: cortesia de Andre Agassi;
p. 97: James Bollettieri;
p. 137: Michael Cole;
p. 179: John C. Russell / Team Russell;
p. 302: John Parenti;
p. 348: Michael Cole;
p. 388: Mike Nelson / AFP / Getty Images;
p. 397: Gary M. Prior / Getty Images;
p. 403: ambas de Nicolas Lutttiau /
Presse Sports;
p. 431: em cima: John C. Russell / Team
Russell, embaixo: Don Emmert / AFP /
Getty Images;
p. 432: Michael Cole;
p. 440: Denise Truscello.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A21a

Agassi, Andre, 1970-

Agassi : autobiografia / Andre Agassi ; tradução Helena Londres, Rosemarie
Ziegelmaier, Sílvia Mourão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
448 p. ; 23 cm.

Tradução de: Open : an autobiography

ISBN 978-85-510-0539-2

1. Agassi, Andre, 1970-. 2. Tenistas - Estados Unidos - Biografia. 3. Memória
autobiográfica. I. Londres, Helena. II. Ziegelmaier, Rosemarie. III. Mourão, Sílvia.
IV. Título.

19-57564

CDD: 927.796342

CDU: 929:796.342

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marques de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Stefanie, Jaden e Jaz

Ninguém pode afirmar o que nos mantém fechados, o que nos confina e parece nos enterrar, mas ainda assim sentimos que existem barreiras, paredes, muros. Será tudo imaginação ou fantasia? Não acredito. Então fazemos a pergunta: Meu Deus, será assim por muito tempo, para sempre, por toda a eternidade? Você sabe o que nos liberta dessa escravidão?

É o afeto realmente profundo. Ser amigo, ser irmão, amar, é isso que abre as portas da prisão, por meio de um poder supremo, de uma espécie de força mágica.

Vincent van Gogh, em carta a seu irmão, escrita em julho de 1880

FINAL

ABRO OS OLHOS E NÃO SEI onde estou, nem quem sou. Isso não é nenhuma novidade, pois passei metade da minha vida sem saber. Mas desta vez é diferente. Esta confusão parece mais assustadora, mais absoluta.

Olho para cima. Estou deitado no chão, ao lado da cama. Agora começo a lembrar das coisas. Saí da cama e me deitei no chão no meio da noite, como faço muitas vezes. É melhor para as minhas costas. Muitas horas seguidas sobre um colchão macio me deixam agoniado. Conto até três e começa o longo e difícil processo de tentar ficar em pé. Começo a tossir e a gemer, deito de lado, fico em posição fetal e acabo virando de bruços. Preciso esperar até que meu sangue volte a circular.

Sou relativamente jovem, tenho 36 anos, mas acordo me sentindo como se tivesse 96. Depois de três décadas correndo em arrancadas bruscas, parando de repente, saltando alto e caindo no chão com toda a força, meu corpo não parece mais ser o meu corpo, sobretudo pela manhã. Por conseguinte, minha cabeça também não parece mais minha cabeça. Assim que abro os olhos, pareço um estranho para mim mesmo, o que sempre acontece, só que quando o dia começa, em geral, é pior. Rapidamente repasso os fatos básicos. Meu nome é Andre Agassi. Sou casado com Stefanie Graf. Temos dois filhos, um menino e uma menina, de cinco e três anos, respectivamente. Moramos em Las Vegas, no estado de Nevada, mas atualmente estamos acomodados numa suíte do hotel Four Seasons de Nova York, porque estou jogando no Aberto

dos Estados Unidos, de 2006. É o último torneio de Grand Slam da minha carreira, talvez a última competição da qual participo na vida. Jogo tênis para viver, embora deteste esse esporte. Detesto o tênis com uma paixão secreta e sombria, e sempre detestei.

Assim que esse último elemento da minha identidade encaixa no quebra-cabeça, fico de joelhos e sussurro: Tomara que tudo isto acabe.

Em seguida: Não estou preparado para que isto acabe.

Agora, no quarto ao lado, ouço Stefanie e as crianças. Estão tomando o café da manhã, conversando e rindo. Meu imenso desejo de vê-los e tocá-los, além da enorme necessidade de cafeína, são a inspiração necessária para eu me erguer até ficar de pé. A raiva me coloca de joelhos, o amor me deixa de pé.

Dou uma olhada no relógio ao lado da cama. Stefanie me deixou dormir à vontade. O cansaço destes últimos dias do campeonato tem sido terrível. Além do desgaste físico, há uma torrente de emoções desencadeada por minha iminente aposentadoria. Agora, brotando do meio dessa fadiga, sinto a primeira onda de dor. Coloco as mãos nas costas, a dor toma conta de mim. Tenho a sensação de que, enquanto eu dormia, alguém instalou uma trava de volante antifurto na minha coluna. Como posso jogar no Aberto dos Estados Unidos com a coluna travada? Será que na última partida da minha carreira vou precisar entregar o jogo?

Nasci com um problema chamado espondilolistese lombar, que significa que uma vértebra da parte inferior da coluna deslizou de sua posição original passando sobre as outras, por vontade própria, por pura rebeldia. (É por isso que ando com os pés virados para dentro, como um pombo.) Com essa única vértebra em desarmonia, sobra menos espaço para os nervos que passam junto à coluna vertebral, o que resulta numa sensação de dor bem maior, até com o menor dos movimentos. Agora acrescento duas hérnias de disco e um osso que não para de crescer — num esforço inútil de proteger a região lesionada — e, assim, esses nervos se sentem ainda mais claustrofóbicos. Quando eles reclamam do pouquíssimo espaço de que dispõem e começam a mandar mensagens de inquietação, uma dor sobe e desce pelas minhas pernas, me impedindo de respirar e me fazendo falar coisas sem sentido. Quando isso acontece, o único alívio é deitar e esperar. Mas às vezes esse acesso acontece no meio de uma partida. Só me resta mudar de jogo — girar meu corpo de outra forma, correr de outro jeito, fazer o que for possível. Então meus músculos têm espasmo. Evitam mudanças, pois não conseguem suportá-las. Quando são forçados a as enfrentar, meus

músculos se juntam à rebelião da coluna e, em pouco tempo, meu corpo todo está em guerra consigo mesmo.

Gil, meu preparador físico, grande amigo, quase um pai, explica esse processo do seguinte modo: seu corpo está dizendo que não quer mais jogar tênis.

Já faz tempo que ele diz isso, respondo ao Gil. Há quase tanto tempo quanto eu mesmo venho me dizendo isso.

No entanto, desde janeiro o meu corpo avisa isso aos gritos. Ele não quer se aposentar, pois na verdade já deixou as quadras faz tempo. Meu corpo se mudou para a Flórida, comprou uma casa de luxo e várias bermudas brancas. Por isso, venho negociando com ele para que saia do retiro da aposentadoria por algumas horas aqui, algumas horas ali. Boa parte dessa negociação implica injeções de cortisona que calam a dor por algum tempo. Antes que a droga faça efeito, porém, ela também causa seus próprios transtornos. Tomei uma ontem, para poder jogar hoje à noite. Foi a terceira injeção deste ano, a décima terceira da minha carreira e de longe a mais assustadora. O médico (não o meu habitual) foi ríspido quando me disse para deitar. Estiquei-me sobre a maca, com o rosto para baixo, e a enfermeira abaixou meu calção. O médico explicou que teria de inserir a agulha de cerca de 15 centímetros de comprimento o mais perto possível dos nervos inflamados, mas que não conseguiria fazer isso de uma vez só, por causa da obstrução causada pelas hérnias de disco e pelo esporão ósseo. As tentativas que ele fez para ultrapassar os obstáculos, para quebrar a trava, me fizeram ver estrelas. Primeiro ele inseriu a agulha, depois acomodou um grande aparelho sobre as minhas costas para ver a que distância ela estava dos nervos. O médico tinha de aproximá-la ao máximo, explicou, mas sem encostar neles. Se chegasse a encostar num nervo, mesmo que só um pouquinho, a dor não me deixaria participar do torneio. De repente, isso poderia mudar a minha vida toda. Conforme ele movia a agulha em busca do ponto certo, meus olhos se enchiam de lágrimas.

Finalmente ele acertou o alvo. Bem na mosca, avisou.

Cortisona entrando. A sensação de queimação me fez morder a boca. Depois veio a pressão. Eu me senti encharcado, embalsamado. O minúsculo espaço na minha coluna no qual os nervos se alojavam começou a parecer embalado a vácuo. A pressão aumentou até me dar a sensação de que minhas costas iam explodir.

A pressão é o que nos permite saber que está surtindo efeito, explicou o médico.

Bom saber disso, doutor.

Logo a dor pareceu maravilhosa, quase deliciosa, porque era o tipo que antecede o alívio. Mas talvez todas elas sejam assim.

MINHA FAMÍLIA FAZ CADA vez mais barulho. Vou mancando até a sala de estar da nossa suíte. Meu filho, Jaden, e minha filha, Jaz, me veem e começam a gritar. Papai! Papai! Os dois pulam e tentam subir no meu colo. Eu paro e me preparo, em pé na frente deles, como se estivesse imitando uma árvore no inverno. Eles se detêm justo antes de saltar, porque sabem que a coluna do papai está doendo nestes últimos dias e pode se desmanchar se eles pularem em mim com muita força. Faço carinho nas crianças, dou-lhes beijinhos e vamos juntos para a mesa do café.

Jaden me pergunta se é hoje.

Sim.

Você vai jogar?

Sim.

Então, depois de hoje, você vai se *aposentá*?

Essa é uma palavra nova que ele e a irmãzinha aprenderam. *Aposentar*. Quando a pronunciam, costumam excluir a última letra, então fica *aposentá*. Para eles esse verbo não tem tempo, é um eterno presente. Talvez saibam de algo que eu não sei.

Não se eu ganhar, filho. Se eu vencer esta noite, continuo jogando.

Mas, se você perder, a gente pode comprar um cachorrinho?

Para as crianças, aposentadoria significa um cachorrinho. Stefanie e eu prometemos que, quando eu não tiver mais de treinar nem de viajar pelo mundo, vamos comprar um cachorrinho. Talvez ele se chame Cortisona.

Isso mesmo, meu chapa. Se eu perder vamos comprar um cachorro.

Ele sorri. Espera que o pai perca a partida, que o pai enfrente uma decepção maior do que todas as outras. Jaden não entende (e como posso explicar isso a ele?) o que é a dor da derrota, a dor do jogo. Eu precisei de quase trinta anos para entender isso e solucionar esse problema na minha cabeça.

Pergunto para Jaden o que ele vai fazer hoje.

Vamos ver ossos.

Olho para Stefanie. Ela me lembra que vai levá-los ao Museu de História Natural. Dinossauros. Penso na minha coluna vertebral problemática. Imagino meu esqueleto em exposição no museu, ao lado dos demais dinossauros. *Tenissaurus rex*.

Jaz interrompe minhas divagações. Ela me estende seu *muffin* para que eu tire as *blueberries*. É o nosso ritual de todas as manhãs. Tenho de extrair cada uma das

pequenas bagas com precisão cirúrgica, o que exige concentração. Colocar a faca, girar, remover a frutinha sem abri-la. Eu me concentro na tarefa, e é um alívio pensar em algo que não o tênis. Mas, quando devolvo o bolinho à minha filha, não consigo fingir que não me parece uma bola de tênis, o que basta para fazer meus músculos das costas se contraírem de expectativa. A hora se aproxima.

DEPOIS DO CAFÉ DA MANHÃ, Stefanie e as crianças se despedem de mim com um beijo e saem para a visita ao museu. Fico quieto à mesa, olhando cada canto da suíte. É igual a todas as outras suítes de hotel onde já me hospedei, só que é ainda mais *hotel* que as outras. Limpa, elegante, confortável — afinal, estou no Four Seasons, então é lindo, mas, mesmo assim, é só mais uma versão do que costumo chamar de Não Casa. É o “não lugar” em que todos os atletas acabam vivendo. Fecho os olhos, tento pensar na partida desta noite, mas minha mente se recusa. Nestes últimos dias, minha cabeça parece ter entrado em spin. Na menor oportunidade, quer voltar para o começo, porque estou muito perto do final. Só que não posso permitir que isso aconteça — ainda não. Tenho dificuldade de mergulhar desse jeito no passado. Fico em pé e ando ao redor da mesa, para testar o meu equilíbrio. Quando me sinto razoavelmente estável, caminho com cuidado até o chuveiro.

A água quente me faz gemer e gritar. Eu me curvo para a frente devagar, massagem os músculos das pernas, começo a voltar à vida. Os músculos se soltam. Minha pele se alegra, os poros se abrem. Sinto o sangue aquecido correr pelas veias. Parece que algo começa a se animar. Vida. Esperança. As últimas gotas da juventude. Em silêncio, evito qualquer movimento brusco. Não quero que algo assuste a minha coluna, prefiro que ela continue adormecida.

Em pé diante do espelho do banheiro, observo meu rosto, enquanto me seco com a toalha. Olhos vermelhos, barba grisalha crescida. Um rosto bem diferente do que eu tinha quando comecei a jogar. Mas também bem diferente do que vi no ano passado, neste mesmo espelho. Seja eu quem for, não sou o menino que começou esta odisseia, nem o cara que há três meses anunciou que essa jornada estava chegando ao fim. Estou mais para uma raquete de tênis da qual já trocaram o grip três vezes, e as cordas, sete — ainda se pode dizer que seja a mesma raquete? Em algum lugar desses olhos, porém, ainda consigo encontrar o menino que nem queria jogar tênis, que queria desistir, que por várias vezes desistiu *mesmo*. Vejo aquele menino de cabelos louros que detestava tênis e me pergunto o que ele pensaria deste homem calvo, que ainda detesta o esporte, mas continua

nas quadras. Será que o menino ficaria chocado? Acharia divertido? Sentiria orgulho? Essas dúvidas me deixam cansado, letárgico, e ainda é meio-dia.

Tomara que tudo isto acabe.

Não estou pronto para que isto acabe.

A linha de chegada ao final de uma carreira profissional não é diferente da linha de chegada ao final de uma partida. O objetivo é me colocar ao alcance dessa linha, porque então ela exerce uma atração magnética. Quando você chega bem perto pode sentir a força que ela exerce, e usar essa força para atravessá-la. Mas, um pouco antes de chegar ao alcance dela ou logo depois, sentimos outra força, igualmente potente, que nos empurra para longe dali. É inexplicável, místico; duas forças gêmeas com energias contraditórias, mas ambas existem. Sei disso porque passei boa parte da vida procurando uma e combatendo a outra, e várias vezes me vi empacado, suspenso, quicando entre as duas como uma bola de tênis.

Esta noite: lembro-me de que precisarei de uma disciplina férrea para enfrentar essas duas forças e o que mais aparecer pelo meio do caminho. Dores nas costas, golpes ruins, condições climáticas inadequadas, autossabotagem. Essa lembrança é um jeito de me preocupar, mas também uma meditação. Uma coisa que aprendi depois de 29 anos dentro das quadras: a vida vai atirar todo tipo de coisas no seu caminho, menos uma pia de cozinha. Mas aí atira a pia de cozinha. Cabe a você escapar dos obstáculos. Se deixar que eles o detenham ou distraiam, você não está fazendo bem o seu trabalho, e não fazer bem o seu trabalho resulta em remorsos que paralisam mais do que dores nas costas.

Deito na cama com um copo de água e começo a ler. Quando meus olhos se cansam, ligo a televisão. *Hoje, a segunda rodada do Aberto dos Estados Unidos! Será que Andre Agassi vai se despedir das quadras?* Vejo meu rosto na tela da TV. Um rosto diferente do que vi no espelho. O que aparece nos jogos. Avalio essa minha nova imagem no espelho distorcido que é a televisão e minha ansiedade aumenta mais um pouco. Será que esse foi o último comercial? A última vez na vida em que a CBS anuncia minhas partidas?

Não consigo deixar de sentir que estou à beira da morte.

Acredito que não seja por acaso que no tênis se usa a linguagem da vida. Vantagem, serviço, dupla falta, break e love, os elementos básicos do tênis são os que fazem parte da vida diária, porque cada partida é como uma vida em minia-tura. Mesmo a estrutura do tênis, a maneira como cada parte se encaixa dentro de outra, como bonecas russas, reproduz a nossa vida atualmente. Pontos viram

games, que viram sets, que viram campeonatos, e tudo é tão estreitamente ligado que cada ponto pode ser aquele de uma virada decisiva. Isso me faz pensar em como os segundos podem parecer minutos, que podem parecer horas, e que cada hora pode ser o nosso melhor momento. Ou o pior. A escolha é nossa.

Mas, se o tênis é como a vida, o que vem depois dele deve ser um vazio desconhecido. Esse pensamento me dá arrepios.

Stefanie irrompe porta adentro com as crianças. Eles pulam na cama, e meu filho pergunta como estou me sentindo.

Bem, bem. E o que achou dos ossos?

Divertido!

Stefanie oferece sanduíches e sucos para as crianças e sai novamente com elas.

Eles combinaram de brincar fora, explica.

E quem não?

Agora posso tirar uma soneca. Aos 36 anos, a única maneira de encarar uma partida noturna, que às vezes se estende até depois da meia-noite, é descansando antes. Além disso, agora que sei mais ou menos quem sou, quero fechar os olhos e fugir dessa imagem. Quando os abro, vejo que se passou uma hora. Em voz alta, digo que chegou o momento. Chega de se esconder. Volto para o chuveiro, mas este banho é diferente do que tomei pela manhã. O banho da tarde é sempre mais longo, 22 minutos, mais ou menos, e não é para me acordar nem me limpar. O objetivo do banho da tarde é me injetar ânimo, me ajudam na preparação.

O tênis é um esporte no qual o jogador fala sozinho. Nenhum outro esportista fala tanto sozinho quanto um tenista. Jogadores de beisebol, golfe, goleiros, todos resmungam coisas em voz baixa, mas os tenistas *conversam* consigo mesmos — e *respondem*. No calor de uma partida, os jogadores de tênis parecem loucos no meio da praça, discursando, xingando, discutindo com seu *alter ego*. Por quê? Porque este é um esporte tremendamente solitário. Apenas os boxeadores conseguem entender a solidão de um tenista — e os boxeadores vão para o seu *corner*, onde estão seu preparador e seu empresário. Até o adversário do boxeador, de certa forma, faz companhia a ele, pois é alguém com quem ele pode se engalfinhar, socar e até bater boca. No tênis, o jogador fica cara a cara com o adversário, trocando golpes com ele, mas sem chegar perto nem falar com ele (nem com ninguém) em momento algum. Pelas regras do esporte, não é permitido ao tenista conversar nem com seu treinador durante a partida. Algumas vezes, os velocistas são apontados como esportistas igualmente solitários, mas rio quando ouço isso. O velocista pode, pelo menos, sentir a presença, o cheiro, dos outros corredores.

A distância entre eles, às vezes, é de poucos centímetros. No tênis, o jogador está ilhado. De todos os jogos praticados pela humanidade, o tênis é o que mais se parece com o confinamento numa solitária, o que inevitavelmente provoca o recurso de falar sozinho. Para mim, esse diálogo interno tem início embaixo do chuveiro, no banho da tarde. É nessa hora que começo a me dizer coisas, de vez em quando maluquices, repetindo diversas vezes, até acabar acreditando. Por exemplo, que um quase inválido tem chances no Aberto dos Estados Unidos. Que um cara de 36 anos pode derrotar um adversário que está chegando a seu auge. Durante minha carreira, venci 869 jogos, fiquei em quinto lugar na lista dos melhores tenistas de todos os tempos, e muitas dessas partidas foram ganhas durante a ducha vespertina.

Com a água fazendo barulho nos meus ouvidos (um ruído que lembra o som produzido por 20 mil fãs), lembro de algumas vitórias especiais. Não as que ficaram na memória dos fãs, mas as que ainda me fazem acordar no meio da noite. Squillari, em Paris. Blake, em Nova York. Pete, na Austrália. Depois me lembro de algumas derrotas. Balanço a cabeça de frustração. Digo a mim mesmo que a partida de hoje à noite será uma espécie de exame para o qual me preparei por 29 anos. Seja o que for, já passei por isso pelo menos uma vez na vida. Se for uma prova de resistência física ou psicológica, não será nada de novo.

Tomara que tudo isto acabe.

Não quero que acabe.

Começo a chorar. Encostado na parede do box, deixo toda a água escorrer.

ENQUANTO FAÇO A BARBA, me dou uma ordem estrita: conquiste um ponto de cada vez. Faça ele se esforçar por tudo. Não importa o que aconteça, mantenha a cabeça erguida. E, pelo amor de Deus, aproveite — ou, pelo menos, tente aproveitar, até a dor, até perder, se for isso que está reservado para você.

Penso no meu adversário, Marcos Baghdatis, e tento adivinhar o que ele estaria fazendo naquele momento. Ele é novo no circuito, mas não é o novato típico. Está em oitavo lugar no ranking mundial. É um cara grande e forte, do Chipre, passando por um ano de ótimos resultados. Chegou à final do Aberto da Austrália e à semifinal de Wimbledon. Eu o conheço bem. No Aberto dos Estados Unidos do ano passado, jogamos uma partida apenas de treino. Não costumo fazer isso com meus adversários durante um Grand Slam, mas Baghdatis me convidou de uma forma encantadora, irrecusável. Um programa da televisão cipriota estava fazendo uma reportagem com ele, e ele me perguntou se poderiam

nos filmar treinando. Concordei na hora. Por que não? Ganhei o set por 6-2, e, depois disso, ele era só sorrisos. Percebi que é do tipo que sorri quando está feliz e também quando está nervoso, e nunca dá para saber se é uma coisa ou outra. Isso me lembra alguém, mas não consigo lembrar quem.

Comentei com Baghdatis que ele tinha um estilo de jogo parecido com o meu e ele respondeu que não era por acaso. Disse que cresceu colando fotos minhas nas paredes do quarto e tentando jogar como eu. Em outras palavras, nesta noite vou enfrentar minha própria imagem no espelho. Ele vai jogar no fundo da quadra, pegar a bola subindo, correr para os lados, exatamente como eu. Será uma partida entre estilos muito parecidos, mas em que cada um vai tentar impor sua vontade, de olho numa chance de enfiar um backhand no fundo da quadra, na linha. Ele não tem um saque arrasador, nem eu, o que significa longos ralis, pontos demorados, muito tempo e energia gastos. Eu me preparo para altas emoções, ajustes, um tênis de desgaste, a forma mais brutal desse esporte.

É claro que a principal diferença entre mim e Baghdatis está no físico. Temos corpos bem diferentes. Ele tem o físico que eu tinha no passado, é ágil, rápido, elétrico. Preciso vencer uma versão mais jovem de mim mesmo para manter a versão atual em atividade. Fecho os olhos e digo: controle o que puder controlar.

Repito essa instrução em voz alta. Falar em voz alta me dá coragem.

Fecho a torneira e continuo em pé, tremendo. Como é mais fácil sentir coragem debaixo de um fluxo de água quente! Rapidamente, porém, lembro que coragem debaixo de um banho quente não é coragem de verdade. O que você sente não importa no final das contas; o que o torna um bravo é o que você faz.

STEFANIE VOLTA COM AS CRIANÇAS. É hora de preparar a Água do Gil.

Eu transpiro muito, mais do que a maioria dos tenistas, e por isso preciso começar a me hidratar várias horas antes de uma partida. Bebo um grande volume de um elixir mágico que Gil, meu preparador há 17 anos, inventou para mim. Trata-se de uma mistura de carboidratos, eletrólitos, sais, vitaminas e alguns outros ingredientes. Gil guarda a fórmula a sete chaves. (Há duas décadas ele me faz ingerir a mesma receita.) Em geral, ele me obriga a começar a tomar essa bebida na noite anterior à partida, e continua me forçando até a hora do jogo. Depois continuo durante a partida. Em situações diferentes bebo versões específicas, cada qual com sua cor: rosa para dar energia; vermelho para reanimar; marrom para reabastecer.

Meus filhos adoram me ajudar no preparo do líquido. Disputam para ver quem vai colocar os ingredientes, quem segura o funil, quem ajuda a distribuí-lo nas garrafas plásticas. Mas apenas eu acomodo as garrafas na sacola, ao lado das minhas roupas, toalhas, livros, viseiras e munhequeiras. (Como sempre, as raquetes vão depois.) Ninguém tem autorização para encostar a mão na minha sacola de tênis. Depois de arrumada, ela fica ao lado da porta, como a mala de um assassino, lembrando que enfim o dia se aproxima do momento fatal.

Às cinco da tarde, Gil avisa que me espera no saguão do hotel.

Ele pergunta se estou pronto. Hora de ir à luta, Andre. Começou. Começou. Hoje todo mundo usa essa expressão [*It's on*], mas Gil já fala assim há anos, e ninguém fala como ele. Quando ele diz *It's on* [Começou], sinto minha energia explodir e minha adrenalina saltar como um gêiser. Tenho a impressão de que sou capaz de erguer um carro acima da cabeça.

Stefanie vai com as crianças até a porta e avisa que o papai precisa ir.

O que vocês têm a dizer a ele, crianças?

Jaden grita: Arrasa, papai!

Arrasa, papai, repete Jaz, imitando o irmão.

Stefanie me dá um beijo e não diz nada, pois não há nada a ser dito.

GIL SE ACOMODA NO BANCO da frente. Está muito bem-vestido, com camisa, gravata e paletó pretos. Para todos os jogos, ele se arruma como se fosse a um encontro amoroso ou a um espetáculo de gala. O tempo todo, ele observa e ajeita os longos cabelos pretos, olhando-se no retrovisor ou no espelho lateral. Eu me sento no banco traseiro com Darren, meu instrutor, um australiano que sempre exhibe um bronzeado hollywoodiano e um sorriso de quem acabou de ganhar na loteria. Por alguns instantes, ninguém diz nada. Então, Gil começa a declamar a letra de uma de nossas músicas favoritas, uma antiga balada de Roy Clark, e sua voz de barítono não demora a tomar conta do carro:

*Just going through the motions and pretending
we have something left to gain —¹*

Ele olha para mim e espera.

Reconheço a música: “We Can't Built a Fire in the Rain”.

¹ Estamos deixando a vida nos levar e fingindo que ainda temos algo a ganhar. (N.T.)

Ele ri. Por um segundo esqueço da minha ansiedade.

Esses acessos ansiosos são engraçados. Às vezes fazem a gente correr para o banheiro, às vezes deixam a gente com tesão. Em certas ocasiões provocam crises de riso e me fazem ansiar pela luta. Identificar o tipo de acesso que você vai ter (uma brabeira ou algo mais suave) é a primeira consideração crítica quando você está a caminho do estádio. Saber como seu nervosismo se manifesta, o que ele revela sobre sua cabeça e seu corpo, é o primeiro passo para tirar o melhor proveito possível da situação. Essa foi uma entre milhares de lições que aprendi com Gil.

Pergunto a Darren o que ele acha de Baghdatis. Que nível de agressividade devo imprimir à partida de logo mais? O tênis envolve vários níveis de agressividade. Todos querem acertar na medida para controlar o ponto, mas sem exagerar e acabar perdendo o controle nem se expor a riscos desnecessários. Minhas dúvidas sobre Baghdatis eram: como ele vai tentar me nocautear? Se eu enfio um backhand cruzado no fundo da quadra para começar o ponto, alguns adversários rebatem com paciência, outros já querem devolver com uma bola vencedora, mandando um canhão na linha ou subindo à rede com sede. Como nunca joguei com o cipriota fora daquele set de treino, quero saber como ele pode reagir a um ritmo conservador. É do tipo que encara essa troca de bolas cruzadas ou recua e espera o momento propício?

Darren diz: Amigo, acho que se você jogar de forma conservadora demais nos ralis, pode esperar que ele vai cercá-lo e atacar com o forehand.

Sei.

Quanto à sua esquerda, ele não consegue afundar muito a bola. Não vai puxar esse gatilho rápido o bastante. Por isso, se você perceber que ele *está* atacando com a esquerda na linha de fundo, é porque, definitivamente, você não está pressionando o suficiente nos ralis.

Ele se mexe bem?

Sim, ele é bom na movimentação. Mas não se sai tão bem quando tem de se defender. Ele se mexe melhor quando precisa atacar.

Hum...

Chegamos ao estádio. Há fãs por todo lado. Dou alguns autógrafos, depois me enfio por uma portinha lateral. Passo por um longo túnel e entro no vestiário. Gil sai para falar com o pessoal da segurança. Ele sempre faz questão de que os guardas saibam o momento exato em que vamos sair para a quadra de treino, quando o treino termina e voltamos. Darren e eu deixamos as sacolas e vamos

diretamente para a sala de preparação física. Eu me deito sobre uma maca e peço ao primeiro preparador que se aproxime para massagear minhas costas. Darren some e volta cinco minutos depois, trazendo oito raquetes recém encordoadas. Coloca todas elas sobre a minha sacola, pois faço questão de acomodá-las do meu jeito.

Sou obsessivo com a minha sacola de tênis. Faço questão de mantê-la meticulosamente organizada e não procuro desculpas para esse meu lado retentivo anal. Essa sacola funciona como minha pasta de negócios, mala de viagem, caixa de ferramentas, lancheira e paleta de artista. Preciso que esteja sempre inteiramente em ordem. Ela é o que levo quando entro na quadra e o que trago comigo quando saio, dois momentos nos quais minha sensibilidade está a mil, e por isso consigo perceber cada grama do peso dela. Se alguém colocar um par de meias lá dentro, sem eu ver, sou capaz de sentir a diferença de peso. A sacola de tênis é quase como o coração — a gente precisa saber exatamente o que há lá dentro, o tempo todo.

Também é uma questão de funcionalidade. Preciso das minhas oito raquetes arrumadas cronologicamente ali dentro, a encordoada por último embaixo e a encordoada há mais tempo em cima, porque, quanto mais tempo uma raquete descansa, mais perde a tensão das cordas. Sempre começo o jogo com uma encordoada há mais tempo porque é a que apresenta menos tensão.

Meu encordoador é um cara da velha guarda, do Velho Mundo, um artista tcheco chamado Roman. Ele é o melhor e precisa ser: o trabalho de encordoar uma raquete de tênis pode fazer toda a diferença numa partida, e uma partida pode fazer toda a diferença numa carreira, que pode afetar a vida de muitas pessoas. Quando tiro uma raquete recém-encordoada da sacola e vou sacar com ela para fechar a partida, a tensão das cordas pode representar centenas de milhares de dólares. Como jogo para sustentar minha família, a fundação beneficente que mantenho e a minha escola, cada corda daquelas tem a mesma importância que os cabos de uma turbina de avião. Lembrando de tudo que está além do meu controle, sou obcecado pelas poucas coisas que consigo controlar, e a tensão do encordoamento das raquetes é uma delas.

Roman é tão importante para os meus jogos que costumo levá-lo comigo nas viagens. Oficialmente ele mora em Nova York, mas, quando estou disputando Wimbledon, ele passa a viver em Londres e, durante Roland Garros, vira parisiense. Às vezes, quando me sinto perdido e solitário em alguma cidade do mundo, procuro Roman e fico vendo seu trabalho de encordoar raquetes. Não se trata

de não ter confiança no que ele faz. É o contrário: eu me sinto calmo, amparado e inspirado pela habilidade desse artesão. Ele me lembra a singular importância que uma tarefa bem-feita tem neste mundo.

As raquetes cruas chegam para Roman numa grande caixa, vindas da fábrica, e sempre em péssimo estado. Para o leigo, parecem todas iguais, mas para ele são tão diferentes quanto rostos na multidão. Ele gira cada uma de um lado para outro, franze o cenho e começa a fazer cálculos. Hora de colocar as mãos na massa, finalmente. Para começar, retira o grip de fábrica e coloca o meu, que é feito sob medida para mim desde os meus 14 anos. Meu grip é tão pessoal quanto minhas impressões digitais, uma decorrência não só do formato da minha mão e do comprimento dos dedos, mas também do tamanho dos meus calos e da força com que seguro o cabo. Roman tem um molde da minha empunhadura e o reproduz em todas as raquetes. Para isso, envolve o molde em couro de bezerro, que ele bate como num pilão para afiná-lo até ficar da espessura que ele quer. Depois de quatro horas de jogo, qualquer diferença milimétrica no cabo incomoda tanto quanto uma pedra no sapato.

Com o grip no ponto, Roman enfia as cordas sintéticas. Ele estica e solta e volta a esticar, como se afinasse uma viola. Aí ele aplica o estêncil e sacode vigorosamente a raquete no ar, para secar a tinta. Alguns encordoadores preferem aplicar o estêncil nas cordas pouco antes do início da partida, mas considero isso uma tremenda falta de consideração e de profissionalismo. O estêncil se solta e passa para a bola, e não há nada pior do que enfrentar alguém com bolas manchadas de preto e vermelho. Eu gosto de ordem e limpeza, e isso significa bolas sem marcas de estêncil. Desordem equivale a distração e, dentro da quadra, qualquer distração pode significar uma reviravolta no jogo.

Darren abre duas latas de bola e coloca duas no bolso. Tomo um gole da Água do Gil e depois uma última ida ao banheiro antes do aquecimento. James, o responsável pela segurança, conduz a gente pelo túnel. Como sempre, veste sua habitual camiseta amarela justa e me dá uma piscadela, como se dissesse: *Nós, da segurança, temos de ser imparciais, mas estou torcendo por você.*

James participa do Aberto dos Estados Unidos há tanto tempo quanto eu. Ele me conduziu por este túnel antes e depois de vitórias gloriosas e de derrotas insuportáveis. Imenso, simpático e com as clássicas cicatrizes de um cara durão, que ele exhibe com orgulho, James se parece um pouco com Gil. É como se ele ocupasse o lugar de Gil naquelas horas em que estou na quadra, fora da influência do meu preparador. Existem algumas pessoas que você espera encontrar no Aberto

dos Estados Unidos — o pessoal da organização, os gandulas, os preparadores físicos — cuja presença sempre é reconfortante. Eles ajudam a lembrar quem você é e onde está. James é o primeiro dessa lista. É uma das primeiras pessoas que procuro quando entro no Arthur Ashe Stadium. Ao vê-lo, sei que estou em Nova York — e em boas mãos.

Desde 1993, quando um espectador que assistia a um jogo em Hamburgo invadiu a quadra e esfaqueou Monica Seles, o Aberto dos Estados Unidos destacou um segurança para cada jogador durante todos os intervalos e trocas de lado. James sempre dá um jeito de ficar incumbido de mim. Sua incapacidade de se manter neutro tem um encanto enorme. Quando a partida aperta demais, consigo ver seu olhar apreensivo e acabo dizendo baixinho para ele: Não se preocupe, James, vou dar um jeito neste cara. Sempre consigo que ele dê uma risadinha.

Agora, caminhando ao meu lado rumo às quadras destinadas a treino, ele não está sorridente. Parece triste. Sabe que esta pode ser a última vez que me acompanha. Mesmo assim, não deixa de seguir à risca o nosso ritual pré-jogo. E repete o que sempre me diz:

Deixa eu carregar a sacola.

Não, James, ninguém carrega a sacola, só eu.

Contei a ele que, quanto tinha 7 anos, vi Jimmy Connors entregando sua sacola para outra pessoa levar, como se fosse Júlio César. Naquele momento, jurei que sempre carregaria a minha.

Tudo bem, responde James, sorrindo. Eu sei, eu sei. Estou lembrado. Só queria ajudar.

Então pergunto: É você que vai cuidar de mim hoje, James?

Sou eu, sim, meu amigo. E vou cuidar bem. Não se preocupe com nada. Pense apenas no jogo, está certo?

Sáímos do túnel e entramos num fim de tarde de setembro, com um céu já escurecendo em tons de lilás e laranja e um pouco de névoa. Caminho para a arquibancada, aperto a mão de alguns torcedores e dou mais autógrafos antes de começar o treino. Há quatro quadras de treino, e James sabe que eu prefiro a mais afastada do público, para que Darren e eu possamos contar com um pouco de privacidade enquanto batemos bola e armamos a estratégia.

Dou um gemido quando mando um primeiro backhand no fundo, no forehand de Darren.

Não tente essa jogada hoje à noite, avisa ele. Baghdatis vai massacrar você com isso.

Você acha?

Confie em mim, amigo.

E você diz que ele se mexe bem?

É, muito bem.

Jogamos durante 28 minutos. Não sei por que presto atenção a esses detalhes — quanto tempo dura o banho da tarde, a duração do treino com Darren, a cor da camiseta de James. Não quero prestar atenção nisso, mas não resisto, e depois me lembro que é para o resto da vida. Minha memória não é como a minha sacola de tênis: não consigo controlar o que há lá dentro. Tudo entra e nada parece sair.

Minhas costas aparecem estar bem. Há uma tensão normal, mas a dor alucinante desapareceu. A cortisona fez efeito. Eu me sinto bem — embora, claro, minha definição de bem-estar tenha mudado bastante nos últimos anos. Ainda assim, me sinto melhor do que quando abri os olhos hoje de manhã, quando pensei em entregar o jogo. Acho que estou em condições de fazer isso. É claro que amanhã terei de enfrentar sérias consequências físicas, mas, da mesma forma como não devo ruminar sobre o passado, não devo ficar antecipando o futuro.

De volta ao vestiário, tiro as roupas suadas e entro no chuveiro. Meu terceiro banho do dia é curto e funcional. Sem tempo para chorar ou tentar me encorajar. Visto uma camiseta e shorts secos e coloco os pés para cima na sala de preparação física. Tomo mais um pouco da Água do Gil, o máximo que consigo, porque já são 18h30 e falta apenas uma hora para começar a partida.

Há uma televisão sobre a mesa e tento assistir ao noticiário. Não consigo. Vou até o escritório e observo o pessoal que trabalha no Aberto dos Estados Unidos, todos ocupados. Não têm tempo para conversar. Passo por uma pequena porta. Stefanie e as crianças chegaram e estão num pequeno parque infantil perto do vestiário. Jaden e Jaz se alternam no escorregador. Percebo que está contente por ter as crianças aqui com ela, para distraí-la. Ela está mais aflita do que eu. Parece quase irritada. Sua testa franzida diz: *Isso já deveria ter começado! Vamos lá!* Adoro o jeito como minha mulher encara uma disputa.

Converso um pouco com ela e com as crianças, mas não consigo escutar uma palavra do que eles dizem. Minha cabeça está longe. Stefanie percebe. Ela sente. Ninguém vence 22 torneios de Grand Slams se não tiver uma intuição incrivelmente desenvolvida. Além disso, ela ficava igualzinha antes dos seus jogos. Ela

me manda voltar para o vestiário: Vá. Nós estaremos aqui. Faça o que você tem que fazer.

Ela não quer assistir à partida ali de baixo. Para ela, é perto demais da quadra. Ela vai ficar com as crianças num camarote alto, andando aflita de lá para cá, rezando e, de vez em quando, cobrindo os olhos.

PERE, UM DOS PREPARADORES mais antigos, entra na sala. Eu sei dizer qual das bandejas dele é para mim: a que tem dois tufos enormes de espuma e duas dúzias de ataduras previamente cortadas. Deito numa das seis macas e Pere se instala aos meus pés. Deixar os caras prontos para o combate é uma melequeira e por isso ele puxa uma lata de lixo para perto. Fico contente por Pere ser cuidadoso e sistemático, o Roman dos calos. Ele começa pegando um cotonete e o mergulha num líquido colorido viscoso, que deixa minha pele grudenta e o peito do pé roxo. Essa tinta não sai com nada. O peito do meu pé vive colorido desde que Reagan era o presidente dos Estados Unidos. Em seguida, Pere aplica um produto para fortalecer a pele. Deixa secar e depois aplica um tufo de espuma sobre cada calo. Chega a vez das ataduras, que se assemelham a papel de arroz. Parece que minha pele absorve essas faixas de imediato. Pere envolve cada dedão até deixá-los enormes e finalmente recobre a parte de baixo dos pés. Ele conhece os pontos mais exigidos, sabe onde caio depois de um salto, onde convém aplicar uma camada adicional de proteção.

Agradeço e calço os tênis, sem amarrar. Agora que o ritmo das coisas começa a diminuir, a intensidade do som aumenta. Há alguns minutos, o estádio estava silencioso, mas agora está mais do que ruidoso. Dá para sentir no ar o zum-zum, a vibração, a energia dos torcedores apressando-se para sentar, correndo para se acomodar porque não querem perder um minuto do que está para acontecer.

Fico em pé e movimento as pernas.

Não vou mais me sentar.

Experimento uma corridinha pelo saguão. Nada mau. As costas parecem aguentar. O corpo todo parece pronto.

Do outro lado do vestiário vejo Baghdatis. Ele está pronto e tenta domar o cabelo em frente ao espelho. Reúne rapidamente os fios, penteia, puxa para trás. Cara, ele tem muito cabelo! Agora coloca a faixa na cabeça, branca, ao estilo indígena. Ajeita direitinho e dá um último aperto no rabo de cavalo. Sem dúvida, um ritual bem mais glamoroso antes de um jogo do que enfaixar e proteger um monte de calos. Lembro de como eu me preocupava com o cabelo no início da minha

carreira. Por um instante, sinto inveja. Sinto falta dos cabelos. Então, passo a mão na minha careca e me sinto grato por, entre tantas outras coisas, não precisar me preocupar com a cabeleira numa hora dessas.

Baghdatis começa a se alongar, inclinando o tronco para a frente. Apoiado numa perna, encosta o joelho no peito. Nada é mais desconcertante do que ver seu adversário fazer pilates, ioga e tai chi quando você mal consegue cumprimentar outra pessoa. Ele consegue fazer com o quadril movimentos impossíveis para mim desde os meus 7 anos.

Só que ele parece exagerar. Está ansioso. Quase consigo ouvir seu sistema nervoso central, um zumbido que lembra o som do estádio. Observo sua conversa com os treinadores, que também estão ansiosos. As expressões do rosto, a linguagem do corpo, o rubor das faces, tudo revela que sabem que estão prestes a encarar uma bela briga de rua, e não têm certeza de que querem isso. Sempre gosto quando meu adversário e sua equipe mostram que estão nervosos. Além de bom presságio, é sinal de respeito.

Baghdatis me vê e sorri. Lembro que ele sorri quando está feliz ou nervoso. Mais uma vez lembro de alguém, sem saber exatamente quem.

Aceno para ele. Boa sorte.

Ele acena de volta. Nós, que estamos prestes a morrer...

Eu me enfio no túnel para trocar uma última palavra com Gil, instalado num canto onde pode ficar sozinho, mas ao mesmo tempo de olho em tudo. Ele me abraça, diz que me ama, que sente orgulho de mim. Encontro Stefanie e dou-lhe um último beijo. Ela está pulando, batendo os pés, acenando. Acho que faria qualquer coisa para se meter numa saia de tênis e entrar na quadra comigo. Minha esposa guerreira. Tenta sorrir, mas a expressão vira uma careta de preocupação. Vejo em seu rosto tudo o que ela quer falar, mas não se permite dizer. Ouço as palavras que ela se recusa a pronunciar: Vá lá; aproveite; faça o máximo; observe cada detalhe passageiro, pois hoje pode ser muito importante e, ainda que você deteste tênis, talvez sinta falta disto depois desta noite.

Isso é o que ela quer dizer, mas, em vez disso, ela me beija e diz o que sempre repete antes que eu pise na quadra, uma coisa da qual passei a depender tanto quanto o ar, o sono e a Água do Gil.

Vá lá e arrase.

UM ORGANIZADOR DO Aberto dos Estados Unidos, de terno e com um enorme walkie-talkie, chega perto de mim. Parece ser o encarregado da cobertura

pela TV e da segurança na quadra. Parece incumbido de tudo, inclusive dos pousos e decolagens do Aeroporto de LaGuardia. Cinco minutos, alerta ele.

Viro para o lado e pergunto para alguém: Que horas são?

Hora de ir, respondem.

Não. Quero dizer, que horas são agora? 19h30? 19h20? Eu não sei, e isso, de repente, parece importante. Só que ali não existe nenhum relógio.

Darren e eu olhamos um para o outro. Seu pomo de adão sobe e desce.

Amigo, seu dever de casa foi feito. Você está pronto.

Concordo com a cabeça.

Ele fecha a mão em punho e estende o braço para aquele soquinho de boa sorte. É uma batida só, suave, porque isso foi o que fizemos antes da minha vitória na primeira rodada, no começo da semana. Nós dois somos supersticiosos e queremos terminar um torneio do mesmo jeito como começamos. Olho para o punho de Darren, bato nele firme com o meu, mas sem conseguir olhar nos olhos dele. Sei que os de Darren estão marejados e tenho consciência do que isso pode causar em mim.

Últimos detalhes: enfio os cadarços do tênis. Enfaixo o meu punho. Eu sempre faço isso sozinho, desde aquela lesão em 1993. Amarro os tênis.

Tomara que isto acabe logo.

Não estou pronto para que isto acabe.

Sr. Agassi, está na hora.

Estou pronto.

Entro no túnel, três passos atrás de Baghdatis, sempre seguindo James. Paramos e esperamos o sinal. O zum-zum que nos envolve fica mais forte. O frio naquele túnel parece o de uma câmara frigorífica. Conheço-o tão bem quanto a sala da minha casa, mas hoje ele me parece muito mais frio e um campo de futebol maior do que é na realidade. Olho para os lados. Nas paredes, estão as fotos familiares de antigos campeões do tênis: Navratilova, Lendl, McEnroe, Stefanie. Eu. As imagens têm quase um metro de altura e estão espaçadas de forma regular — regular até demais. Parecem árvores plantadas em bairros planejados de subúrbio. Digo para mim mesmo: *Pare de prestar atenção nessas coisas*. É hora de se concentrar, de entrar em foco, da mesma forma como este túnel concentra o seu olhar.

O chefe da segurança avisa: Muito bem, pessoal, hora de ir!

Andamos.

Graças a preparativos cuidadosos, Baghdatis caminha três passos à frente, conforme avançamos rumo à claridade. De repente uma luz, etérea, que nos dei-

xa cegos, está na nossa cara. São as câmeras de TV. Um repórter pergunta a Baghdatis como ele se sente. Ele responde algo que não consigo ouvir.

Agora a câmera se aproxima do meu rosto e ouço a mesma pergunta.

Talvez esta seja sua última partida, lembra o jornalista. Como se sente?

Respondo, sem saber o que estou falando. Depois de anos de experiência com essa situação, tenho noção de estar dizendo o que querem que eu diga, o que esperam que eu fale a cada vez. Depois continuo andando, e as pernas não parecem minhas.

A temperatura sobe, incrivelmente, conforme nos aproximamos da porta de acesso à quadra. O barulho agora é ensurdecedor. Baghdatis aparece primeiro. Ele sabe quanto a minha aposentadoria está chamando a atenção. Ele lê jornais. Tem consciência de que, nesta noite, será o vilão. Ele acha que está preparado. Deixo que ele vá, que ouça o ruído se transformar em ovação. Deixo que pense que aquela animação toda da torcida se destina a nós dois. *Então* eu entro. A ovação triplica. Baghdatis percebe que as primeiras saudações eram para ele, mas que esta onda avassaladora de aplausos é dedicada a mim, apenas a mim, o que o força a rever suas expectativas e reavaliar o que tem pela frente. Sem nem encostar na bola, provoquei um razoável abalo em seu psicológico. Golpe de mestre, coisa de veterano.

Os torcedores fazem ainda mais barulho conforme nos dirigimos para nossas cadeiras. Foi mais alto do que eu esperava, mais alto do que eu já havia escutado em Nova York. Mantenho o olhar baixo, sentindo aquela ovação me varrer. Essas pessoas adoram este momento, adoram o tênis. Eu me pergunto como elas se sentiriam se soubessem o meu segredo. Olho fixamente para a quadra. Sempre a parte mais anormal da minha vida, no meio de todo esse turbilhão, a quadra agora é o único espaço em que há normalidade. A quadra, esse lugar onde me senti tão solitário e tão exposto, agora é onde eu espero encontrar refúgio desse desafio emocional.

NAVEGO CALMAMENTE pelo primeiro set, venço por 6-4. A bola obedece a todos os meus comandos. Minhas costas também. Meu corpo está quente, fluido. Cortisona e adrenalina atuando juntas. Venço o segundo set, 6-4. Já consigo ver a linha de chegada.

No terceiro, começo a me cansar. Perco a concentração e o controle. Baghdatis, por sua vez, muda a estratégia. Joga com desespero, uma droga ainda mais poderosa do que a cortisona. Ele começa a viver no presente. Corre riscos e cada um

deles começa a dar certo. A bola agora me desobedece e se torna cúmplice dele. Fica o tempo todo quicando de modo favorável a ele, o que aumenta a segurança do meu adversário. Vejo a confiança brilhando em seus olhos. Seu desespero inicial se transforma em esperança. Não, em raiva. Ele não me admira mais. Ele me detesta, eu o detesto também, e aqui estamos nós, rosnando e fungando um para o outro, tentando ver quem derruba quem. A torcida se alimenta da nossa rivalidade, grita e bate os pés na arquibancada após cada ponto. Não estão aplaudindo, estão batendo as mãos, e isso produz um som tribal, primitivo.

Baghdatis vence o terceiro set, 6-3.

Não posso fazer nada para conter o ataque do meu adversário. Pelo contrário, as coisas só parecem piorar para mim. Afinal, ele só tem 21 anos, está começando a se aquecer. Encontrou seu ritmo, o motivo para estar aqui hoje, o direito de estar aqui, enquanto eu luto para juntar forças, com a dolorosa consciência do relógio do meu corpo. Não quero ir para o quinto set. Consciente da minha mortalidade, também começo a correr riscos. Consigo fazer 4-0. Tenho dois break points, o saque, e a linha de chegada volta a aparecer no horizonte. Percebo sua força magnética me chamando.

Mas aí sinto a força contrária entrar em ação. Baghdatis começa a jogar o melhor tênis do ano. Acaba de se lembrar de que é o número 8 do mundo. Suas jogadas saem como tiros, em golpes que eu não sabia constarem do seu repertório. Elevei o jogo a um padrão perigosamente alto, mas ele me alcança e ultrapassa. Quebra o meu saque e faz 4-1. Confirma o serviço dele e faz 4-2.

Este é o principal game do jogo. Se eu vencer agora, recupero o comando do set e fica claro na mente dele (e na minha) que ele teve sorte de quebrar o meu saque. Se eu perder, fica 4-3, e tudo recomeça. Nossa noite vai se iniciar outra vez. Embora tenhamos nos massacrado durante dez *rounds*, se eu perder este game, a luta vai se reiniciar. Jogamos num ritmo furioso. Ele vem para cima, não segura mais nada. E vence o game.

Ele vem para levar este set, prefere morrer a perdê-lo. Eu sei, ele sabe e todos nas arquibancadas deste estádio também sabem. Há 20 minutos eu estava a dois games de ganhar e avançar no torneio. Agora, estou à beira do colapso.

Baghdatis vence, 7-5.

Começa o quinto set. Estou sacando, com medo, não sei se meu corpo consegue suportar mais dez minutos diante de um menino que parece mais jovem e mais forte a cada ponto. Eu digo a mim mesmo: Não deixe que tudo acabe assim. De todas as maneiras possíveis, esta não, depois de uma vantagem de dois sets.

Baghdatis também está falando consigo mesmo, buscando forças. Jogamos uma verdadeira gangorra de pontos desgastantes, para lá e para cá, como se fôssemos um pêndulo. Ele comete um erro. Eu devolvo com outro. Ele abaixa a bola, eu abaixo mais. Estou sacando em 40 iguais, e jogamos um ponto alucinado, que termina quando ele encaixa uma curtinha de backhand que devolvo na rede. Grito comigo mesmo. Vantagem Baghdatis. É a primeira vez na noite em que fico atrás.

Calma. Controle o que você pode controlar, Andre.

Ganho o ponto seguinte. Novamente iguais. Novo entusiasmo.

Dou o ponto seguinte para ele. Um backhand na rede. Vantagem Baghdatis. Depressão.

Ele vence o ponto seguinte também e ganha o game. Fica na frente em 1-0.

Seguimos cada um para sua cadeira. Ouço as pessoas murmurando as primeiras palavras do elogio fúnebre de Agassi. Tomo um gole da Água do Gil, sentindo pena de mim mesmo e me achando um velho. Olho do outro lado para Baghdatis, me perguntando se ele se sente orgulhoso. Em vez disso, ele está pedindo que um massagista cuide de suas pernas. Pede uma pausa para atendimento médico. Está com estiramento no quadríceps da coxa esquerda. E ele conseguiu jogar desse jeito com distensão na coxa?

Os torcedores aproveitam a pausa e começam a cantar. *Vai lá, An-dre! Vai lá, An-dre!* Começam a fazer uma ola. Há cartazes com o meu nome.

Obrigado pelas lembranças, Andre!

Esta é a casa do Andre.

Finalmente, Baghdatis parece pronto para continuar. O saque é dele. O fato de ter conseguido tirar minha vantagem deve ter-lhe injetado energia adicional. Mas aquela interrupção parece ter quebrado seu ritmo. Quebro o saque dele. Estamos empatados.

Nos seis games seguintes cada um confirma seu próprio saque. Mas, agora, empatados em 4-4, meu saque, jogamos um game que parece durar uma semana, um dos mais exigentes e incríveis da minha carreira. Grunhimos como animais, batemos na bola como gladiadores, o forehand dele, o meu backhand. Todos no estádio prendem a respiração. Até o vento para de soprar. As flâmulas permanecem imóveis nos mastros. No 40-30, Baghdatis acerta um forehand que me desloca. Mal chego a tempo de esticar a raquete para a bola. Rebato rente à rede — gemendo de agonia —, e ele manda outro canhão na minha esquerda. Corro na direção oposta — ai, minhas costas — e alcanço a bola no último minuto. Mas forcei demais a coluna. Ela travou, e os nervos começam a se manifestar. Adeus,

cortisona. Baghdatis acerta um winner na quadra aberta, e, ao vê-la chegar, sei que, pelo resto da noite, meus melhores esforços já ficaram para trás. Tudo o que eu fizer daqui para a frente será limitado, prejudicado, às custas da minha futura saúde e mobilidade.

Olho para o outro lado da rede para ver se Baghdatis percebeu minha dor, mas ele está mancando. Mancando? *Ele está com câimbras*. Está caído no chão, agarrando a perna. Sua dor é maior do que a minha. Se me perguntarem, prefiro um problema congênito de coluna a uma câimbra repentina nas pernas, em qualquer dia. Enquanto ele se contorce no chão, eu percebo: só preciso me manter em pé, sustentar esta maldita bolinha em andamento só mais pouco, e deixar as câimbras dele fazerem o resto.

Abandono qualquer pensamento de estratégia ou sutileza. Digo para mim mesmo: Apenas o básico. Quando se joga contra alguém machucado, tudo se resume a instinto e reação. Não se trata mais de uma partida de tênis, mas de um embate nu e cru de vontades. Nada de golpes, de artifícios, nada de jogo de pés. Apenas golpes básicos.

Novamente em pé, Baghdatis também parou de investir em estratégias, parou de pensar, e isso o torna mais perigoso. Não dá mais para prever o que vai fazer. Ele enlouqueceu com a dor, e não dá para antecipar o que um louco vai realizar, menos ainda numa quadra de tênis. Em 40 iguais, erro o primeiro saque e depois mando um segundo saque vigoroso, redondo, a mais de cem quilômetros por hora, mas ele enche o braço para responder. Winner de devolução. Vantagem Baghdatis.

Merda. Desabo para a frente. O cara mal consegue andar e ainda detona o meu saque?

Agora, novamente, estou a um único pontinho de nada de ficar atrás em 4-5, o que vai colocar Baghdatis em condição de sacar para o jogo. Fecho os olhos. Erro o primeiro saque outra vez. Acerto outro segundo saque hesitante, só para segurar o ponto e, não sei como, ele erra um forehand fácil. Iguais de novo.

Quando seu corpo e sua mente oscilam à beira do colapso total, um ponto fácil como esse parece receber perdão da pena por um crime cometido. E ainda assim eu quase desperdiço essa sorte. Erro o primeiro saque. Solto o segundo, e ele rebate uma bola que voa longe. Outro presente. Vantagem Agassi.

Estou a 1 ponto de ficar na frente em 5-4. Baghdatis faz uma careta, se agacha. Ele não vai ceder. Ganha o ponto. Iguais pela terceira vez.

Prometo a mim mesmo que, se tiver uma nova vantagem, não vou perdê-la. Nessa altura, Baghdatis não está apenas com câimbras, está aleijado. À espera do

meu saque, ele se dobra para a frente. Não consigo acreditar que ele suporte ficar na quadra, ainda mais jogando desse jeito. Sua bravura é proporcional ao tamanho da sua cabeleira. Sinto pena dele, mas, ao mesmo tempo, digo com os meus botões que não devo ter piedade. Mando o saque, ele devolve, e, na minha ansiedade para acertar o lado aberto da quadra, jogo a bola longe demais. Fora. Erro de principiante. É evidente. Vantagem Baghdatis.

Só que ele não consegue aproveitar bem. No ponto seguinte, manda um forehand vários centímetros além da linha de fundo. Iguais pela quarta vez.

Temos um longo rali, que termina quando encaixo uma bola funda no forehand dele e ele erra. Vantagem Agassi. Novamente. Prometi a mim mesmo que não perderia essa oportunidade, se ela voltasse a surgir, e o momento é agora. Mas Baghdatis não me deixa cumprir a promessa. Logo vence o próximo ponto. Iguais pela quinta vez.

Jogamos um ponto incrivelmente longo. Toda bola que ele bate, gemendo, acerta um pedacinho da linha. Toda bola que jogo, gritando, passa raspando pela rede. Forehand, backhand, bolas com efeito, bolas baixas — até ele acertar uma que trisca na linha de fundo e faz um arco assustado para o lado. Pego a bola na subida e ela sai voando acima dele vários metros depois da linha de fundo. Vantagem Baghdatis.

Apenas o básico, Andre. Faça o homem correr. Correr. Ele está caindo, basta obrigá-lo a se movimentar. Saco, ele devolve com facilidade, e eu fico jogando a bola de um lado para outro, até ele gritar de dor e devolver enfim na rede. Iguais pela sexta vez.

Enquanto espera meu próximo saque, Baghdatis se apoia na raquete como se fosse um idoso usando uma bengala. Quando erro o primeiro saque, porém, ele salta adiante, ágil como um siri, e com aquela bengala manda uma bala de devolução no meu forehand, bem fora do meu alcance. Vantagem Baghdatis.

É o quarto break point dele neste game. Acerto um primeiro saque sem graça, tão reles, tão inosso que o Andre Agassi que fui aos 7 anos teria ficado com vergonha, e ainda assim Baghdatis devolve uma bola defensiva. Rebato no forehand dele. Ele acerta a rede. Iguais pela sétima vez.

Outro primeiro saque para mim. Ele até enfia a raquete na bola, mas não consegue passar a rede. Vantagem Agassi.

Outra vez, estou sacando para fechar o game. Lembro das duas promessas quebradas. Agora, a chance final. Só que sinto espasmos nas costas. Mal consigo

virar o corpo, quanto mais lançar a bola no ar e acertar um saque a 192 quilômetros por hora. Erro o primeiro saque, claro. Tento compensar no segundo, ser agressivo, mas não consigo. Fisicamente não consigo. Digo a mim mesmo: Saque com três quartos de força, mande a bola sobre os ombros dele, faça ele ir de um lado a outro até cuspir sangue. Só não faça dupla falta.

Mais fácil falar do que fazer. O quadrado de saque está encolhendo. Eu o vejo diminuir de tamanho aos poucos. Será que todo mundo vê o que eu estou vendo? A área de saque está agora do tamanho de uma carta de baralho, tão pequena que não sei se consigo enfiar uma bola ali nem mesmo se fosse até lá colocá-la com as mãos. Mando a bola, um saque desastrado. Fora. Claro. Dupla falta. Iguais número oito.

O público grita, ninguém acredita no que está vendo.

Consigo encaixar o primeiro saque. Baghdatis executa uma devolução primorosa. Com três quartos de sua quadra aberta, mando a bola no fundo, no backhand dele, a três metros de distância de onde está. Ele sai correndo, abana a raquete num movimento capenga e não consegue pegar a bola. Vantagem Agassi.

No vigésimo segundo ponto do game, depois de um breve rali, Baghdatis finalmente acerta um backhand em cheio na rede. Game Agassi.

Na troca de lados, observo Baghdatis se sentar. Grande erro. Erro de alguém jovem. Nunca devemos nos sentar quando estamos com câimbra. Nunca devemos dizer ao corpo que é hora de descansar, e depois dizer: Brincadeirinha! Seu corpo é como o governo federal. Ele diz: Faça o que quiser, mas, se for pego, não minta para mim. Por isso, Baghdatis não vai conseguir sacar, não vai conseguir nem se levantar da cadeira.

E então ele se levanta e confirma seu game de saque.

Mas o que mantém esse cara em pé?!

Ah, é mesmo, a juventude.

Em 5-5, jogamos um game de pernas de pau. Ele comete um erro, vai para o nocaute. Rebato com outra pancada e venço. Na frente, 6-5.

Baghdatis saca. Chega a 40-15. Ele está a 1 ponto de levar a partida para o tie-break.

Eu luto para empatar em iguais.

Então faço o ponto seguinte e agora tenho o match point.

Uma troca de bolas rápida e feroz. Ele acerta um forehand selvagem, e, assim que a bola sai da raquete dele, eu sei que ela saiu. Sei que ganhei o jogo e, no mesmo instante, sei que não teria energia para dar nem mais um passo.

Encontro Baghdatis na rede, apertamos as mãos, a dele está tremendo, e saímos apressados da quadra. Nem penso em parar. *Preciso continuar andando*. Entro cambaleando no túnel, com a sacola no ombro esquerdo, mas com a impressão de que está no outro ombro porque todo o meu corpo está torcido. Quando chego ao vestiário, não consigo mais dar um passo. Não consigo ficar em pé. Estou afundando no chão. Darren e Gil chegam, tiram a sacola do meu ombro e me carregam até uma maca. O pessoal do Baghdatis o coloca na maca ao lado.

Darren, o que há de errado comigo?

Deite-se, amigo. Tente se alongar.

Não consigo, não consigo...

Onde dói? Você está com câimbra?

Não, estou sufocado. Não consigo *respirar*.

O quê?

Não consigo, Darren, não consigo... *respirar*.

Darren ajuda uma pessoa a colocar gelo no meu corpo, ergue meus braços, e alguém chama um médico. Ele pede que eu me alongue, alongue e aguento firme.

Relaxa, cara. Solta. Seu corpo está travado. Deixa tudo de lado, amigo, acabou.

Mas não consigo. E o problema é todo esse, não é mesmo? Eu não consigo deixar nada de lado.

UM CALEIDOSCÓPIO DE ROSTOS aparece sobre mim. Gil, apertando meu braço, me dá uma bebida para ajudar a recuperação. Eu amo você, Gil. Stefanie beija minha testa e sorri — não sei se está feliz ou nervosa. *Ah, sim, claro. Foi nela que já vi esse sorriso antes*. Um dos preparadores avisa que o médico está a caminho. Liga a TV que está ali perto. Alguma coisa para fazer enquanto vocês esperam, explica ele.

Tento assistir à televisão. Ouço gemidos à minha esquerda. Viro a cabeça devagar e vejo Baghdatis na maca ao lado. Sua equipe cuida da recuperação dele. Alongam o quadríceps e ele fica com câimbra na panturrilha. Alongam esse tendão e o quadríceps encurta. Ele tenta deitar de barriga para baixo e a câimbra afeta a virilha. Encolhe-se como uma bola e pede que o deixem em paz. Todos saem do vestiário e ficamos apenas nós dois. Volto a olhar para a televisão.

Alguns instantes depois, algo me faz olhar para Baghdatis de novo. Ele está sorrindo para mim. Nervoso ou feliz? Talvez as duas coisas. Sorrio para ele também.

Ouço meu nome vindo do aparelho de TV. Viro a cabeça. Melhores momentos do jogo. Os primeiros dois sets, tão enganadoramente fáceis. No terceiro, Baghdatis começa a acreditar. No quarto, uma briga de foice. O quinto, o interminável nono game. Uma das melhores partidas da minha vida. Que joguei e a que assisti. O comentarista define a partida como um clássico do esporte.

Em minha visão periférica consigo perceber um discreto movimento. Viro-me para ver Baghdatis estendendo a mão. Seu rosto diz: Nós *fizemos* isso. Estendendo minha mão e pego a dele; ficamos ali, de mãos dadas, enquanto os noticiários reproduzem cenas de nossa batalha selvagem.

Por fim deixo minha mente ir aonde ela queria. Não consigo mais detê-la. Sem pedir licença, minha cabeça me joga irremediavelmente no passado. E, como ela percebe e registra os menores detalhes, vejo tudo com uma clareza incrível — cada revés, vitória, disputa, chique, cheque de prêmio, namorada, traição, repórteres, esposa, filho, roupa, cartas de admiradores, partidas de vingança, lágrimas derramadas. Como se outro aparelho de televisão transmitisse cada destaque dos meus últimos 29 anos, tudo passando rápido como num turbilhão em alta definição.

Muitas vezes, as pessoas perguntam como é a vida de um tenista, e nunca consigo descrever. Mas existe uma palavra que chega perto. Mais do que qualquer outra coisa, trata-se de um massacrante, empolgante, horrível e espantoso *turbilhão*. Que exerce uma força centrífuga, que passei 30 anos tentando combater. Agora, deitado em pleno Arthur Ashe Stadium, de mãos dadas com um adversário derrotado e à espera de alguém que possa nos ajudar, faço a única coisa que posso. Paro de lutar contra as coisas. Apenas fecho os olhos e acompanho.